

A TURMA DO BATUQUE solidário

DESDE 2013, UM GRUPO DE AMIGOS PROMOVE, MENSALMENTE, UMA RODA MUSICAL GRATUITA NA VILA TELEBRASÍLIA

Fotos: Minervino Junior/CB/D.A Press



O GRUPO DO PROJETO SAMBA NA RUA É FORMADO POR MÚSICOS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



YARA ALVARENGA E FABINHO SAMBA, INTEGRANTES DO GRUPO: FESTA DEMOCRÁTICA

FICHA TÉCNICA

O QUE É

Grupo de músicos e estudantes da UnB organizam, mensalmente, o evento "Samba na rua", e tocam de graça pra comunidades carentes

ONDE

Vila Telebrasília

QUANTO

400 pessoas por edição

QUEM VAI

Moradores da Vila, do Plano Piloto e de outras regiões administrativas

HÁ QUANTO TEMPO

Desde 2013

PALOMA SUERTEGARAY

Os gramados sem-fim e a convidativa sombra dos ipês, mangueiras e abacateiros inspiram em cada brasiliense algo diferente. Para uma turma de músicos e amigos da Universidade de Brasília (UnB), despertaram a vontade de cantar samba. Encher as quadras com os sons de Alcione, Beth Carvalho, Ivone Lara e Roberto Ribeiro tornou-se a missão do grupo. Com a ideia de levar adiante um trabalho social em alguma comunidade, decidiram unir a sede de batucada à solidariedade e surgiu, assim, o Samba na Rua. O evento, criado em 2013, é gratuito e ocorre, mensalmente, na Vila Telebrasília. Com o tempo, o público aumentou e hoje cada edição reúne em torno de 400 pessoas.

A ideia do projeto surgiu durante uma viagem das organizadoras Fernanda Jacob, 25 anos, também vocalista do grupo, e Ana Carolinha Boquadi, 31, à Cidade Maravilhosa. "Visitamos a famosa roda de samba do Rio de Janeiro, como a da Rua do Ouvidor, e tivemos a ideia de fazer algo parecido em Brasília", conta Fernanda. A capital do país pode não ser a paisagem comumente relacionada ao som de pandeiros e cavaquinhos, mas o ritmo combina mais com as linhas de Oscar Niemeyer do que muitos pensam. O Samba na Rua ocorre numa área verde ao lado do campo de futebol comunitário da Vila Telebrasília. "A gente monta um espaço bem bonito, com mesas personalizadas e enfeites de chita. Também penduramos fotos dos nossos compositores favoritos. O clima é bem agradável", acrescenta a cantora.

Um dos principais objetivos da iniciativa é levar entretenimento para comunidades carentes. "Quem mora na Vila Telebrasília não tem tantas opções de lazer como outros lugares. Queremos facilitar o acesso dos moradores à arte e à música de qualidade", diz Ana. Fernanda endossa o pensamento da colega e destaca a importância de ocupar os espaços públicos da cidade com iniciativas que levem qualidade de vida às pessoas. "Ações como o Samba na Rua ajudam a descentralizar a cultura e acabam atraindo gente de todos os lugares, criando um espaço onde fazer novas amizades", diz a artista.

O público que frequenta o evento é bem variado e não falta animação. "Aparece gente de todos as tribos, desde o pessoal do samba, até os mais hippies e os que gostam de rap. Tem criança, tem idoso. É um evento bem familiar", diz a percussionista Yara Alvarenga, 36. Ao todo, são sete músicos. "É comum que outros artistas amigos nossos venham para o Samba na Rua e acabem se somando à roda", conta Fernanda. "É um samba muito democrático. Por isso, tem uma energia tão boa", comenta o cantor e percussionista Fabinho Samba, 33.

O samba caiu tanto no gosto dos vizinhos da Vila Telebrasília que eles também colaboram para a realização do evento. "Um morador deixa que pluguemos os equipamentos na casa dele e nos fornece a luz, por exemplo", explica o encarregado de som Abayomi Mandela, 29. O evento foi se expandindo e também engloba outras atividades. "Além dos ambulantes, que têm no Samba na Rua uma oportunidade de trabalho, geralmente é montada uma ferinha de comida, onde são vendidos produtos veganos e vegetarianos", explica Yara. Também há estandes de camisetas, itens de brechó e bijuterias. Tanto os integrantes da organização e da banda como os próprios membros da comunidade ajudam na divulgação do evento, feita toda pelas redes sociais.

OS DEVOTOS DA "BOTECOTERAPIA"

ROBERTA PINHEIRO

Qualquer um que chega ao bar Piauí, na 403 Sul, por volta das 11h, quer participar da famosa Mesa da Diretoria. Ali, a reunião é regada por animação, muita conversa, histórias de todos os gêneros e bom humor. Os fundadores se serviram do primeiro copo de cerveja antes mesmo de o local levar esse nome, e a formação atual está lá há cerca de 20 anos. "Quem beber dessa água não larga mais", definiu o consultor de empresa Hélio Antonio Pereira, 66 anos. Como alguns membros fumam, a mesa da diretoria se instalou debaixo de um grande ipê — cenário típico da vida brasiliense.

Assim como Brasília nos primeiros anos, a turma do boteco começou da mistura de sotaques e culturas. Mineiros, cariocas e, principalmente, nordestinos que tentavam a sorte na nova capital do país. O tempo agregou outras gerações e novos gostos. O advogado Berdrond Macedo, 42 anos, e o publicitário Alexandre Augusto de Almeida Moreira, 30, são os únicos genuinamente brasilienses. Eles foram chegando aos poucos. Alexandre conta que a primeira vez que viu a turma se interessou. "Comecei sentando perto deles e fiquei até ser convidado", lembra aos risos. E o publicitário não se intimidou diante da maestria do grupo.

Fazer parte da mesa da diretoria não é para qualquer um. Cada integrante pode levar um amigo. No entanto, os novatos passam por um estágio probatório. "E quem faltar não recebe o 13º salário", complementa o aposentado, "mas na ativa", Semião Sobral de Faro, 74. Segundo os diretores e mais assíduos membros, o grupo se formou

de forma simples: uma reunião de quem morava nas quadras próximas ao bar que vendia bebida barata. O vínculo ficou tão forte que mesmo quando alguém muda de casa, o compromisso da diretoria se mantém. Hélio vive hoje no Lago Norte, mas não perde o encontro. "É uma espécie de terapia. Permite que a gente descarregue as tensões e as questões pessoais", comenta o consultor de empresa.

Na roda o que não falta é assunto. "A maioria é aposentada, mas fala mal do governo", brincam. Os temas são os mais diversos. Tem política, economia, amor e até música, já que um dos integrantes é compositor. "Esse cara é chato" é um dos hinos. Sem nada para lhe acompanhar, Lilo Penetra, 82 anos, dá uma palinha. "Como esse chato caminha, pega na mão de todo mundo e ainda quer pegar na minha. Olha, ele vem chegando, não aguento vou vazar. Meu ouvido não é pra isso e o meu pode estourar. Esse cara é chato", canta. No fim, todos caem no riso e brindam a amizade que ali se formou. O brinde não precisa obrigatoriamente ser com cerveja ou outra bebida alcoólica. "Ela (cerveja) faz parte, mas hoje mesmo estou só na água", mostra Hélio. O militar reformado Albano Fônsaca Correia, 82 anos, às vezes fica apenas no café. Ele é um dos mais experientes já que está na área há 48 anos.

Sentada na mesa cativa, a turma conhece todo mundo do bar pelo nome. Os garçons e as garçonetes sabem o gosto de cada integrante. Depois de ouvir os relatos e conversar com os diretores, é inevitável questionar o porquê de a confraria dos lordes não ter mulheres. "Elas ficam sem jeito", justificam.



ALGUNS INTEGRANTES FUMAM E, POR ISSO, ELAS RESOLVERAM INSTALAR A MESA DA DIRETORIA EMBAIXO DE UM GRANDE IPÊ

FICHA TÉCNICA

O QUE É

Todos os dias, às 11h, um grupo de homens se reúne no bar Piauí

ONDE

Bar Piauí, na 403 Sul.

QUANTO

10 pessoas

QUEM VAI

Apenas homens, de todas as idades. Muitos chegaram para a construção de Brasília

HÁ QUANTO TEMPO

Mais de 20 anos.